

EDNA O'BRIEN

NA
FLORESTA

«Um retrato de desolação e raiva,
brilhantemente contado, verdadeiramente chocante.»

HAROLD PINTER



cavalo de ferro

A Imelda Riney,
Liam Riney,
padre Joe Walshe
In memoriam

Vira costas, vira costas, donzela prometida,
Pois esta casa só à morte dá guarida
(Canção popular)

BOSQUE DE CLOOSH

Mato que atravessa dois condados e várias terreolas e suas periferias, um indolente corpo verde, interrompido apenas por um ou outro pinheiro que aqui e ali brotou, esquelético, extravagante, com os seus desgovernados ramos projectando-se em forma de cruz. No interior, o vento encurralado sopra o murmúrio de um mar longínquo e os troncos altos e esguios dos abetos é tal que lhes enegrece o castanho das cascas, dissipando mais e mais a luz até à câmara de trevas. Na entrada mais distante sob a curva de uma montanha sombria há uma cabana de madeira estrangulada por um silvado onde uma cabra morta se decompôs e tresandou durante aqueles tumultuosos e tristes dias suspensos. Foi nesse tempo que o bosque perdeu o seu antigo nome e a sua velha inocência no coração das pessoas.

Ellen, a viúva, não participou nas buscas quando os homens e as mulheres partiram com os seus cães e paus, agarrados aos últimos resquícios de esperança. Porém sonha com isso, sonha que está no bosque de Cloosh, a correr para um lado e para o outro, a gritar, a chamar as equipas de busca que não tem como alcançar, as árvores altaneiras anteriormente estáticas agora deslocavam-se como gigantes, gigantes sobre as suas grotescas e vilosas raízes, as suas garras verdes afiadas como agulhas estendidas para a arranhar, e acorda encharcada em suor, incapaz de gritar o grito que nela se agigantava. Depois levanta-se e segue para a cozinha onde põe o leite ao lume. Olha a escuridão fulgente para lá da janela panorâmica, as plantas, os gerânios e os cactos lânguidos na sua sonolência, olha para o seu novo cadeado de latão, enorme, fúlgido como um guarda-jóias, e depois desperta completamente, e, enquanto o diz uma e outra vez, Eily, a mulher morta de cabelos longos, caminha na sua direcção e diz: «Porquê? Porque é que não me ajudou?» «O Kinderschreck»,

responde-lhe. «O Kinderschreck», e com o braço ao alto tenta tapar o olhar da mulher, a luz dos olhos que é ouro esmaecido, como velas cuja chama bruxuleia antes de se extinguir.

O KINDERSCHRECK

O Kinderschreck. Foi o que o alemão lhe chamou quando roubou a arma. Antes disso foi Michen, nome inspirado num santo, e depois Mich, o filho dilecto da mãe, e depois Rapaz, quando esteve naquele lugar, e depois Filho, quando ajudava o padre Damien a tratar das flores e dos cálices na sacristia, e depois K, abreviatura de O'Kane, quando os seus tempos de rufia começaram.

Fora uma criança de dez e onze e doze anos, e depois deixara de ser criança porque havia aprendido as coisas cruéis que lhe ensinavam nos lugares com nomes de santos.

Tinha dez anos quando surriprou a arma. Surriprou-a para não sentir medo. Prenderam-no por isso. Foi a primeira vez que pôs as mãos numa arma, a primeira vez que sentiu poder. Julgou-a pesada. Quando se pôs de pé era mais alta do que ele próprio. Não sabia se teria coragem para a disparar. As mãos tremeram-lhe quando a carregou, porém carregou-a com uma habilidade que não sabia ter. Depois aproximou-a de si e afagou-a e deu-lhe um nome, chamou-lhe *Rod. Não queria matar, só queria assustar um homem.* Queria dizer isso, mas não lhe foi possível dizê-lo porque lhe batiam e gritavam com ele e arrastavam-no: o agente e o chefe da polícia, o seu pai e Joe Mangan, o homem ruim que lhe atirou a pá e o culpou de lhe ter dado cabo do cimento fresco ao passar de bicicleta por cima dele. Quem tinha passado por cima do cimento montado numa bicicleta não fora ele, fora o próprio filho de Joe Mangan, Paud, mas culparam-no a ele. A culpa de todas as coisas más recaía nele, e não tinha quem o defendesse porque a mãe estava morta. Diziam que ela estava morta mas não estava, enterraram-na viva, asfixiaram-na. Fizeram-no subir lanços de escadas de pedra e conduziram-no a uma divisão fria para que a visse deitada na mesa da morgue, sem cor nas faces nem ar para respirar. Lá fora nevava. Era a neve que a tornava branca

e tornava o mundo branco. Ela não estava morta. Disseram-lhe isso só para o enganar, porque ele era o seu filho dilecto. Tinham inveja, era o que eles tinham. Meteram-na num caixão e enterraram-na. À noite saiu sorrateiramente e foi ao encontro dela e falou-lhe, e ela respondeu-lhe. Esgueirou-se pela janela e atravessou os campos a correr em direcção ao túmulo na margem do lago. Era um atleta de corta-mato e tinha conquistado uma medalha numa competição. Raspou a terra com as mãos abrindo um buraco através do qual pudesse falar com a mãe e através do qual ela o ouvisse. A mãe prometeu regressar e salvá-lo quando estivesse menos cansada. Até lá, planeara ele, permaneceria em fuga, viveria na floresta alimentando-se de frutos secos e bagas, e no Inverno andaria de casa em casa a pedir comida. Atribuiria a si mesmo um nome secreto, Caoilte, o nome da floresta.

A primeira vez que ali passou praticamente uma noite inteira estava tomado do mais absoluto pavor e da mais absoluta excitação. Surgiram-lhe manchas diante dos olhos e tremulações, cores diversas. Pôs-se de gatas e partiu paus, formando com eles uma frase em torno das palavras-totens – «Deus odeia-me, o Pai odeia-me, sou odiado.» Essa noite no bosque viu coisas que mais ninguém viu, que nem os filhos de Joe Mangan, nem os filhos de ninguém viram, apenas ele. Trepou a uma árvore e escondeu-se. Uma raposa, uma raposa fêmea, produziu um som que o assustou. Como uma mulher que estivesse a ser degolada, mas pior. A raposa chamava o macho, o marido. Estava agitada, à semelhança dos faisões que soltavam cacarejos para se avisarem uns aos outros que corriam perigo. Ouviu o latido agudo de um texugo e escondeu-se entre os ramos porque conhecia um homem que fora mordido por um texugo e dissera ser pior do que qualquer ferradela de cão. Jurou nesse instante que viveria no bosque, que faria uma cabana de toros numa árvore, com chão e cadeiras e uma escada de corda através da qual acederia a ela. Ele e a mãe viveriam ali, longe do pai e de todas as outras pessoas. Enquanto pensava nisso, uma princesa passou por ele a voar. Vestia um longo casaco branco e tinha o cabelo muito comprido, que lhe chegava aos tornozelos. Calçava umas sabrinhas. A mãe ainda estava em casa, a ser agredida pelo pai com um atizador. Gritou-lhe que fugisse, que corresse em direcção ao bosque, e ela ficou para trás a sofrer os golpes. Ele fora atingido por um. No canto da sua boca acumulava-se sangue que

lhe escorrera da orelha e ele pressionou um feixe de agulhas arrancadas de um ramo de pinheiro contra o ferimento para o estancar. O importante era manter-se desperto, acontecesse o que acontecesse. Ouvia ruídos e ouvia silêncio. Quanto mais ruidoso era o silêncio, mais assustador seria o ruído que se lhe seguiria. Um faisão avisava os demais faisões de um ataque iminente. Estava à espera que a mãe chegasse mas receava que ela pudesse ter morrido.

Era noite de lua cheia e a lua percorria o céu e os lugares em que a luz se fendia no chão, onde não havia árvores. Esse lugares chamavam-se clareiras. Tinha aprendido isso na escola.

Quando a mãe chegou estava mergulhado num sono profundo. Mich, Mich, Mich. Fingiu não a ter ouvido e fingiu não ter despertado. Ela pegou nele e aproximou-o de si e beliscou-lhe o nariz e disse:

– Dorminhoco, dorminhoco.

Faltava-lhe um dos dentes da frente e grande parte do encanto parecia ter-lhe sumido do rosto. Ele enfiou-lhe o dedo no buraco e sentiu o sangue húmido e provou-o e estava morno. A mãe e ele não eram duas pessoas, eram uma só.

– Vi uma senhora bonita.

– Ah, sim?

– Ia para o seu casamento.

– Como é que sabes?

– Tinha umas sabrinhas prateadas calçadas.

A mãe levou-o de volta para Glebe House através da vegetação rasteira, e a lua era uma candeia que alumiaava o caminho. Disse-lhe que ele era um menino corajoso por ter ficado sozinho na floresta e não ter desatado aos gritos como aquela raposa tonta. Disse-lhe que era um verdadeiro filho da floresta. No dia seguinte, ele escreveu isso na capa do seu caderno diário na escola – *Sou um verdadeiro filho da floresta*. Fizeram pouco dele, chamaram-lhe mentiroso, trapaceiro, disseram-lhe que fugiria com pavor da sua própria sombra, ele que precisava que a mamã o levasse à escola e ficasse à sua espera no vestiário e que por vezes tinha de se sentar no fundo da sala porque ele não parava de berrar. Um menino da mamã, um idiota, um anjinho, um maricas e um pateta.

Pouco tempo depois, tiveram de abandonar Glebe House e foram viver numa pequena casa de campo, longe do bosque.

O seu pai e o agente e o chefe da polícia e a sua irmã Aileen e Joe Mangan e Mrs. Joe Mangan estão todos no tribunal, e o juiz está sentado diante de uma enorme secretária castanha, mais acima. O chefe está a relatar ao juiz a coisa terrível que ele fez. O alemão encontra-se no lado oposto, confirmando com a cabeça a coisa terrível que ele tinha feito. A sua irmã Aileen está ao seu lado, com a mão enlaçada na sua. Dos olhos dele correm lágrimas e o nariz está a pingar e ele não tem um lenço. O chefe está a contar que ele roubou uma bicicleta do barracão do médico e depois passou propositadamente com ela por cima do cimento fresco que Joe Mangan tinha acabado de aplicar e depois seguiu caminho e foi buscar as compras à mercearia para a irmã e deixou-as no parapeito da janela e saiu disparado à procura de uma casa desocupada onde pudesse encontrar uma arma. O chefe ficou visivelmente alterado quando chegou à parte da história em que ele forçou a entrada na casa do alemão e encontrou a caçadeira e a cartucheira, e depois pintou o seu auto-retrato a voltar sub-repticiamente para a sua própria casa, escondendo-se numa vala ao fundo do jardim à espera de uma oportunidade para disparar. O chefe explicou que ele próprio e o pai do rapaz estavam precisamente atrás da porta contra a qual ele havia disparado e que era uma sorte ainda estarem vivos. Foram ditas muitas mais coisas acerca do seu comportamento agressivo desde muito tenra idade, desde a inocência de roubar maçãs à falta de inocência, à maldade, à maldade intencional de roubar uma arma. Ouviu tudo mas não lhe foi permitido falar. Não tinha passado por cima de cimento fresco montado numa bicicleta, quem o fizera fora outro rapaz, quem o fizera fora o filho de Joe Mangan, Paud, mas culpavam-no a ele e chamaram-lhe nomes feios nessa altura e disseram-lhe o que lhe iriam fazer. Levá-lo-iam em braços até ao rio Shannon e afogá-lo-iam e o seu corpo nunca seria encontrado. Correu para casa para contar aquilo à irmã, mas ela não o deixou entrar porque estava lá uma amiga sua e tinha vergonha dele. Quando lhe pediu um copo de sumo de laranja, ela deitou o sumo no copo e pousou-o no parapeito da janela e disse-lhe para o beber ali fora. Foi nessa altura que ele fugiu porque ninguém o queria por perto e ninguém acreditava nele e não tinha nenhum amigo.

Quando o juiz pronunciou a sentença ele não a compreendeu. Uma casa de correcção. O que é que isso queria dizer? O juiz falava com uma voz

muito baixa, mas o seu rosto estava muito vermelho. O chefe agradeceu ao juiz e eles saíram. À porta do tribunal, a irmã disse-lhe que ele iria para o St. Malachi's e que era uma sorte haver uma vaga porque era uma instituição muito boa. Ele chorou e gritou e correu rua abaixo, mas apanharam-no num parque de estacionamento e levaram-no à força.

– Se algum dia tentares fugir, eu perseguir-te-ei como um cão de caça até te encontrar – disse-lhe o chefe Wiley, e havia ódio nos seus olhos e no seu cuspito.

A irmã disse-lhe que seria por pouco tempo e que o sítio era bom e tinha uma piscina, parecia um campo de férias. Estava autorizado a ir a casa no Natal e poderia escrever cartas, por isso não deveria chorar. «*Eu não queria matar, só queria assustar um homem.*» Ela disse-lhe para não repetir aquelas palavras, caso contrário matá-lo-iam por pensar uma coisa daquelas e em todo o caso tinham de ir para casa quanto antes para lavar a roupa dele e passá-la a ferro e fazer a mala. Mrs. Joe Mangan emprestara-lhe uma.

Quando chegaram ao destino, ele não queria sair do carro, agarrado ao joelho da avó. Era a pessoa que o tratava melhor, juntamente com a mãe e a irmã. O carro transpôs os portões de ferro entrando num pátio com muros altos. O chefe estava sentado no banco da frente e ele, no de trás, recusando-se a sair porque aquele lugar não era um campo de férias mas um enorme castelo sombrio e sinistro. A avó insistia em dizer-lhe para se portar bem e fazer o que lhe mandassem e entrar ali como um homenzinho. O chefe puxou-o por uma orelha e conduziu-o pelo meio de uma multidão de rapazes, rapazes da sua idade e rapazes mais novos e rapazes mais velhos que abriam a boca de espanto e faziam troça. O chefe confiou-o ao irmão Finbar e o irmão Finbar levou-o para dentro e fechou a porta e trancou-a no ferrolho. O irmão Finbar envergava um comprido hábito castanho e do pescoço pendiam-lhe dois rosários que baloiçavam para a frente e para trás. Caminhavam em passo acelerado e, enquanto o faziam, o irmão Finbar dizia-lhe que o meteriam na ordem. Foi conduzido a um vestiário para mudar de roupa. Ele e o irmão Finbar disputaram a camisola de lã que trazia vestida, aquela que a mãe lhe tinha feito quando estivera internada no hospital. Era roxa e vermelha, com punhos azul-marinho e uma borla multicolor na extremidade de um fecho-éclair. Cheirava à sua mãe, e cada vez que

a vestia sentia-lhe as mãos macias e o beijo. Recusava-se a separar-se dela. Recusava-se a levantar os braços para que lha despissem. O irmão Finbar puxou e puxou, depois encontrou um fio solto no cós e começou a rasgá-la. O rapaz viu as cores desunirem-se, o azul-marinho e o roxo e o vermelho; era como se a sua própria mãe estivesse a ser rasgada, e os fios acumularam-se em espirais que lembravam vermes no chão de pedra. O irmão enfiou-o nuns calções, num casaco três tamanhos acima do dele e num par de botas ferradas.

– Vestirás a nossa roupa enquanto aqui estiveres – berrava o irmão Finbar vezes sem conta. Enquanto aqui estiveres. Enquanto aqui estiveres. Enquanto aqui estiveres.

Lá fora no pátio, os rapazes esbofeteavam-se e insultavam-se. Manteve-se à margem da turba, acompanhado de um grupo de rapazes que o examinavam, fazendo um círculo em seu redor. De onde é que ele vem. Pergunta-lhe. Pergunta-le. Da província. Onde é que isso fica. Onde é que fica a província. Ah! Ah! Ah! Um campónio. Ele tem tabaco? Olha lá, ó Rambo, orientas aí um cigarro. Ele não fuma. Paspalho. Campónio. Espeta-lhe um gancho no queixo. Vê se o gajo tem tomates. Mostra lá se tens tomates, campónio. Agarrado ao joelho da mamã. Quando a campainha tocou pontapeavam-lhe o corpo tombado no chão até um rapaz chamado Bertie os afastar. O chá foi servido em canecas, e as grossas fatias de pão haviam sido barradas com banha de porco. O irmão Finbar encontrava-se à cabeceira da mesa, assemelhando-se a uma figura de ferro com um rosário de contas de ferro e uma barba de ferro.

– Come o lanche, rapaz.

– Não tenho fome.

– Agora quem dita as regras sou eu... aqui não há armas para assustar as pessoas.

– Quero ir para casa.

– Irás para casa quando perderes de vez a insolência, demore o tempo que demorar.

Durante duas semanas foi sujeito a uma avaliação com vista à sua transferência para o outro sítio. Castelo era o nome desse sítio e era dirigido pela mesma ordem religiosa e ficava longe de tudo. A mulher que o avaliou

sentou-o a uma mesa e fez-lhe perguntas, perguntou-lhe se tinha três desejos e que desejos eram esses. Disse que queria ir para casa. Outros rapazes aconselharam-no a esquecer por completo a ideia de ir para casa. Disseram-lhe que a partir do momento em que uma pessoa ia para o Castelo, naquele lugar remoto, nunca mais voltava para casa. Era inútil alimentar essa esperança. Inútil.

O Castelo tinha os mesmos portões grandes e as mesmas regras e o mesmo cheiro a couve. Os rapazes eram mais velhos, mais duros. Na primeira noite chegou tarde por causa do atraso da carrinha que o transportara e tomou o chá acompanhado apenas de um jovem irmão. Não conseguia engolir.

– Dói-me o estômago – disse ao jovem irmão.

– Bebe um pouco de chá quente, vai-te fazer bem – disse-lhe o irmão. Ele era um irmão simpático e uma das suas faces tinha um tom vermelho-vivo e disse que aquilo se chamava rosto de morango. Utilizou diferentes talheres para desenhar um mapa do país e depois pousou o açucareiro para mostrar de onde era natural, um local muito bonito com montanhas e um lago famoso. Tinha saudades desse local. Disse que era muito novo quando entrou para a ordem, mas nascera numa família de catorze irmãos e com o rosto que tinha e tudo o mais não lhe restara outra alternativa.

– Quanto tempo vou ficar aqui?

– Anos.

O irmão Anthony saiu então disparado, dizendo que tinha uma coisa para ele. Julgou que seria uma fatia de bolo, mas não era. Era uma prece que o irmão Anthony havia transcrito e que lhe leu em voz alta:

– «Jesus disse-lhes: Quando fizerdes do dois um e quando fizerdes o interior como o exterior e o exterior como o interior, entrareis no Reino.

– Um filho e a sua mãe são um.

– Ah, sim... mas isso é uma interpretação laica. Refiro-me à comunhão com Deus.

– Não vou passar o Natal a casa?

– Não me cabe a mim dizer. Quem te espera em casa?

– A minha irmã e a minha raposa de estimação... Não tive oportunidade de me despedir dela.

– De nada serve chorar essas coisas... essas perdas.

A chuva deslizava na janela e tamborilava no telhado horizontal.

Ele tentava. Ele tentava permanecer desperto de maneira a não urinar na cama, mas adormecia sempre e urinava sempre na cama e acordava com o horrível cheiro a urina e com o irmão Jude a enfiar a mão por baixo do cobertor e a puxá-lo para fora da cama pelo pênis. Ah, criatura imunda, criaturazinha imunda. Levava-o para uma divisão no corredor de acesso ao dormitório. A correia estava guardada num frigorífico que aí havia, para se manter fria e rija. Tratava-se de uma correia de couro com tachas ao longo de ambos os lados. Era açoitado nas duas nádegas e nas pernas e nos braços, mas não no rosto. No rosto era apenas esmurrado. Quando voltava para o dormitório, os rapazes reuniam-se em volta da cama dele para saberem o que tinha acontecido, perguntando se Jude tinha posto o coiso de fora ou tocado ao bicho. Lazlo conduzia o interrogatório. Lazlo era o líder e todos tinham medo dele porque era esquizofrénico. Ser esquizofrénico significava que ouvia vozes e que podia agredir qualquer um dos rapazes se as vozes lhe dissessem para o fazer. Lazlo dizia que Jude era uma besta completamente chanfrada. Lazlo treinava os rapazes para serem duros. Levava-os para a casa de banho e fazia-lhes cortes nos pulsos com uma navalha de ponta e mola para se acostumarem à dor. Lazlo dizia que todos os rapazes tinham de aprender uma coisa ali, a odiá-los com um ódio maior do que aquele de que eram alvo. A navalha de ponta e mola tinha um cabo de madeira com a imagem de um labrador.

De manhã levou mais uma tarefa do superior porque o lençol de plástico estava molhado e cheirava mal. Essa tarefa foi dada com a face dura de um piaçaba. No Natal, a avó viria buscá-lo e ele contar-lhe-ia tudo e nunca mais teria de voltar. Nas cartas que escrevia à avó tinha de dizer que era um menino bem comportado e aplicado nos estudos e que lhe seria atribuída uma estrela de mérito pelo desempenho nas diferentes disciplinas. Os irmãos obrigavam-nos a dizer isso, obrigavam todos os rapazes a dizer isso. Não lhe falaria das tarefas no carro quando ela fosse buscá-lo, falar-lhe-ia à noite quando ela o fosse deitar e lhe aconchegasse a roupa da cama.

Era visto por um psiquiatra duas vezes por semana, o qual lhe perguntou de que é que ele tinha medo. Ele respondeu que tinha medo que

a avó morresse, porque tinha sonhado com a morte dela. Em tempos sonhara que a mãe morreria e ela acabou por morrer. Não disse que tinha medo do irmão Jude nem de Lazlo, porque se o fizesse meter-se-ia num grande sarilho. Foi-lhe novamente pedido que formulasse três desejos. Desejava que a mãe não tivesse morrido e desejava poder ir para casa e desejava nunca mais pegar numa arma. Outras vezes não dizia absolutamente nada. Ou dizia coisas espirituosas. Dizia: «Peixes grandes comem peixes pequenos e peixes pequenos comem peixes mais pequenos. Os cangurus têm os seus próprios tribunais.» Lá fora nos campos, onde ele e os outros rapazes trabalhavam a plantar batatas ou a amontoar batatas, ele comia-as cruas para mostrar quão duro era.

Certa manhã quem fez soar a campainha para o pequeno-almoço foi um padre. O padre Damien. Os rapazes diziam que Jude tinha avariado de vez, fora para os campos onde se despira completamente e depois fugira. O seu hábito castanho foi encontrado nos campos e o terço e as sandálias também.

O padre Damien havia regressado de África e tinha a pele bronzeada por causa do sol que apanhara. Não se zangava por ele urinar na cama e tratava-o por Filho – «O que foi, Filho, o que foi, Filho?» O padre Damien deu-lhe um caramelo. Era um caramelo branco com amendoins. Lazlo e os outros rapazes fizeram pouco dele. Chamavam-lhe «Lambe-botas» por dar graxa ao padre.

Um dia o padre Damien disse-lhe que era um rapaz afortunado, pois ajudá-lo-ia na sacristia. Não seria um acólito, não ainda, mas preparar-se-ia para um dia o vir a ser. Deitaria o vinho e a água nos cálices e trataria da colocação das flores nas jarras. Eram as primeiras flores que cheirava em meses. Eram flores brancas com amarelo no meio, o amarelo da gema de ovo, e cresciam espontaneamente na terra dele. Na terra dele chamavam-se jarros.

Um dia, ao final da tarde, depois da bênção do Santíssimo Sacramento, estavam na sacristia e o padre Damien envergava uma veste branca, uma espécie de túnica, com bolsos grandes.

– Põe a mão no meu bolso, Filho.

No bolso estava guardada uma guloseima. O padre Damien disse-lhe para manter a mão ali enfiada até ordem em contrário. Sentiu as intumescências, a sua própria e a do padre, e as faces ruboresceram-lhe

e estava quente e húmido entre as pernas, e o padre Damien agarrou-o até terminar. Depois disse:

– Lindo menino, lindo menino. – E avisou-o que não contasse a ninguém.

Davey era o seu novo amigo. Davey era mais velho mas não era como o Lazlo. Davey tinha catorze anos, quase quinze. Era o responsável pelas festas. Realizavam-se festas uma vez por mês, ao sábado, e Davey dançava com as raparigas mais bonitas – «garinas», chamava-lhes ele – e levava-as para o fundo do salão onde estava escuro. As raparigas eram delinquentes como eles, chegavam num autocarro vindo de um convento situado a quinze quilómetros de distância, e duas freiras permaneciam de pé no estrado junto do aparelho de música de maneira a vigiar cada movimento. Era-lhes impossível distinguir o fundo do salão, onde Davey e os rapazes mais velhos levantavam as camisolas e as blusas das raparigas. Ele dançava com as raparigas mais novas. Os rapazes dançavam com raparigas da mesma idade. As raparigas sabiam os passos de dança melhor do que ele. As raparigas mais velhas eram as garinas e usavam batom e meias de rede. Davey gostava das danças lentas e dizia que a mão dele percorria as raparigas como faca quente em manteiga. «Esta é a minha nova garina», dizia da rapariga com quem estivesse a dançar. Depois de beijar uma rapariga, Davey passava para a seguinte, porque quantas mais raparigas um rapaz tivesse, mais elevado era o seu estatuto. *Estatuto* era uma palavra nova. Davey era o seu mentor. Palavras suas. Davey dizia que aquilo que se aprendia na sala de aula era apenas uma pequena parte da educação de um homem, bagatelas. A outra coisa que Davey dizia era que se devia largar uma rapariga como quem larga uma brasa mal ela se mostrasse interessada, e tornasse chata.

Na noite do baile de Halloween bebeu álcool pela primeira vez, sidra. Muitos dos rapazes estavam podres de bêbedos e tagarelavam lá fora no pátio. Dois rapazes forçaram a entrada numa fábrica não muito longe da escola e por intermédio de um sifão transvasaram sidra de vasilhas para garrafas de limonada. Sabia a maçã. Davey chamou-o à parte, tinha um plano e o plano consistia no seguinte. Davey disse que todos os sábados se realizavam partidas nos recintos, partidas de

*hurling*¹ e de futebol e de andebol, entre padres e irmãos e rapazes, todos a correr em todas as direcções, um pandemónio. Davey disse que no sábado seguinte o jovem Mich entraria na capela e abriria a porta das traseiras que dava para um campo que descia em direcção ao rio. Nesse dia não jogaria *hurling* porque teria uma hemorragia nasal. Davey daria um cigarro ao arruaceiro do Jackeen em troca de uns quantos socos e uma hemorragia nasal com direito a inchaço, nada mais fácil. Davey disse que provavelmente encontrariam um barco ou uma canoa lá em baixo no rio e seriam levados pela corrente ao longo de quilómetros e quilómetros até chegarem à cidade. Depois poderiam ser viajantes clandestinos a bordo de um navio ou optar por desembarcar na cidade, tanto fazia. Embora aparentemente preferisse desembarcar na cidade em virtude de ter lá compinchas, que, tal como ele, tinham uma mente criminosa. Disse que bater com um carro era uma coisa fantástica, sozinho ou no meio de uma multidão, a sensação era incrível. Melhor ainda era fazê-lo com raparigas no carro porque ficavam avariadas da tola, tal era o susto.

Abandonou o recinto de jogos com um lenço no nariz e dirigiu-se para a capela sem que ninguém lhe prestasse atenção. Desaferrrolhou a porta traseira e escondeu-se num confessionário até Davey aparecer.

Uma vez atravessada aquela porta, desataram a correr campo abaixo em direcção ao rio e paralelamente ao rio, e transpuseram portões e vedações e atravessaram campos, sempre na esperança de encontrarem um barco na curva seguinte e na que lhes aparecia depois, mas não encontraram nenhum. Sentia-se orgulhoso da rapidez com que conseguia correr enfiado nas botas ferradas. Quando começou a escurecer chegaram a uma propriedade com muitas casas e póneis num cercado. No ar erguia-se uma enorme fogueira com miúdos em seu redor. Davey disse que a melhor coisa a fazer seria meterem conversa com os miúdos. Eles fumavam e ouviam música. Estavam a divertir-se, e depois um rapaz disse:

– Meu Deus, olhem.

Um carro aproximava-se do campo, com os máximos ligados. Algum bufo tinha dado à língua. Era a carrinha branca do Castelo. O Irmão

1 Modalidade desportiva irlandesa semelhante ao hóquei. [N.T.]

superior e dois outros irmãos e Lazlo e um rapaz pularam para fora da carrinha. Ele correu em direcção ao rio e saltou lá para dentro vestido e calçado e sentiu a corrente arrastá-lo e estava feliz porque ia afogar-se e nunca mais teria de regressar ao Castelo. O rapaz que o apanhou foi Lazlo, que se vingou dele por ter abandonado o seu *gang* para se juntar ao de Davey. Lazlo mergulhou-o na água e assim o manteve até ele quase se afogar e depois puxou-o para cima e sacudiu-o para expulsar a água. A seguir tornou a mergulhá-lo dentro de água e manteve-o submerso e ele não conseguia respirar e a sua cabeça e o seu cérebro eram água e Lazlo só o deixou vir à tona quando estava quase a morrer. «Lambe-botas, lambe-botas».

Foi colocado na solitária e obrigaram-no a escrever que era uma pessoa má. Teve de o escrever centenas de vezes. O Natal avizinhava-se mas não estava autorizado a ir a casa. Pouco mais chorou desde então. E conseguia suportar as tarefas. Travava as lágrimas como quem enfia uma rolha numa garrafa. E a uma certa altura o tempo que decorria entre as tarefas passou a ser tão mau quanto as próprias tarefas. Nunca sabia quando o procurariam para lhe dar uma sova. Que consistia em cem vergastadas, invariavelmente. Só chorou no Natal, porque não o deixaram ir a casa. A maior parte dos rapazes teve autorização para ir a casa, até mesmo Lazlo. A irmã enviou-lhe um postal com sal de prata e ele lambeu-o e soube-lhe a areia. Disse-lhe que a família confiava que ele estivesse bem e que tinham saudades dele. Tinham sido informados da sua fuga e do seu comportamento agressivo e todos rezavam para que ele alterasse o rumo da sua vida para melhor. A irmã pôs beijos no fim da mensagem. Chorou na Missa do Galo por causa dos cânticos. Uma mulher cantava mas ele não a podia ver porque era uma gravação. Era como ouvir a mãe a cantar na cozinha, era como ouvi-la mas sem a ver. O padre Damien chamou-o à parte depois da missa e perguntou-lhe o que gostaria de receber como presente de Natal. Ele disse que gostaria de receber uma guitarra. O padre Damien deu-lhe uma pequenina caixa de chocolates e uma imagem sagrada. Comeu os chocolates num banco do jardim e perguntou-se se iria nevar. As plantas estavam todas estendidas, como se alguém lhes tivesse batido e não tivessem forças para se levantar.

Puseram-no a trabalhar nos campos, depois das aulas, como forma de punição. Ele e os outros rapazes apanhavam as batatas da terra e colocavam-nas dentro de sacos. Lazlo era o supervisor. Quando eles terminaram a apanha, disseram-lhe que precisavam de falar com ele e conduziram-no até à extremidade oposta do campo, longe da escola, onde havia um velho arado com o assento de um carro instalado. Sabiam o que ele tinha feito com o padre Damien e disseram que lho iam cortar. Gritou e agarrou-se ao pénis e implorou e Lazlo disse:

– Está bem, está bem, desta vez escapas, mas ficas avisado.

Afundaram-lhe a cara no assento e despiram-lhe o fato-macaco e montaram-no à vez.

Mal conseguia caminhar de tão dorido que estava. E sangrava também.

Sonhou que estava a fugir dali, porque se ele sonhasse aquilo aconteceria. Ele e outro rapaz estavam incumbidos de ir buscar o leite todas as manhãs ao portão superior. Uma manhã, o outro rapaz estava doente e ele teve de ir sozinho. A rotina era sempre a mesma: o motorista retirava as grades cheias, pegava nas vazias e zarpava. Quando, ao parar na cidade mais próxima, o motorista o viu escondido na caixa da carrinha, disse:

– Que diabo!

Contou ao motorista que fora feito prisioneiro naquele lugar e que ele e a avó haviam feito um pacto de que ele fugiria à primeira oportunidade. O motorista não acreditou nas suas palavras, mas sabia que aqueles tipos eram uns cabrões, por isso deixou-o ir.

Correu rumo a casa mas não ia para casa. À terceira noite, ensopado e apavorado, bateu à porta de Mr. Cleary, um homem seu conhecido. O homem nem queria acreditar, mas deixou-o entrar e secaram-no e deram-lhe chocolate quente e dormiu no quarto com dois dos seus filhos, que estavam com medo dele. Sabia que estavam com medo porque, de cada vez que um ia à casa de banho, o outro ia também para não ficar a sós com ele. O homem fora à polícia porque havia sido posto a circular um mandado de captura para que tornasse ao lugar de onde havia fugido. Foi-lhe concedida uma prorrogação de sete dias. Depois adoeceu e o médico foi visitá-lo e a suspensão temporária do mandado foi alargada para catorze dias. Ajudava o homem a guardar as vacas e ocupava-se de alguns trabalhos agrícolas.

Um dia, ao final da tarde, o homem estava a ordenhar as vacas e ele estava a seu lado no estábulo e então falou-lhe das coisas que lhe tinham acontecido naquele lugar e o homem perguntou-lhe várias vezes se o que lhe estava a dizer era verdade. «Juro por Deus», disse, e o homem interrompeu a ordenha e abraçou-o e gotas de leite caíram no chão. O homem disse que falaria com a mulher e que eles resolveriam a situação com as autoridades. Ele estava em casa deles, era como se fizesse parte da família. Jantavam ao início da noite e a mulher servia carne e vegetais em pratos de sopa. A seguir comiam tarte de maçã ou compota. Depois o homem abria a porta e produzia uma espécie de cacarejo e os seus coelhos de estimação saíam da coelheira e entravam na cozinha apressando-se em várias direcções. O predilecto, *Dustin*, trepava ao joelho do homem, depois aos ombros, e punha-se a mordiscar-lhe a orelha. Os outros empoleiravam-se no rebordo de tijolo que contornava a lareira. Todos riam. Ele também ria. Um lar, um jantar, bolo de maçã, um calendário na parede e um disco a tocar para que os coelhos dançassem ao som dele. Na cama, os filhos tentavam convencê-lo a falar, a contar-lhes como era a vida no Castelo, mas ele não o fazia. Sabia coisas que eles não sabiam. Depois uma noite vangloriou-se de ter pegado numa lâmina e cortado o pulso e de ter sido transportado numa ambulância que avançara aos solavancos ao longo da estrada escura rumo às urgências, onde fora suturado com vinte pontos. Disse-lhes que mordeu os pontos e depois os cuspiu. Disse-lhes que era maluco e que Lazlo e o *gang* morriam de medo dele. Eles sabiam que o tinham mandado para aquele lugar porque tentara alvejar o pai e o chefe, toda a gente sabia isso. Havia um buraco na porta que servia de prova para quem quisesse ver.

Um dia, depois de plantar couves, o homem sentou-o num banco de madeira no jardim da frente para ter uma conversa com ele. Julgou que a conversa seria sobre o seu regresso, mas não foi. O homem perguntou-lhe se gostaria de passar a fazer parte da família, de ser um deles, um filho. Ele respondeu que não sabia.

- Gostavas que eu te adoptasse – perguntou o homem.
- Não sei.
- Que eu te adoptasse legalmente.
- E isso é possível?

O homem disse que seria moroso, que teria de seguir um sem-número de trâmites, mas confiava que tal seria possível. O pai dele consentira. O pai dele não o queria em casa e a irmã tinha-se ido embora. Tinha ido viver com a vovó. Ele vira-a num autocarro; ela acenara-lhe da janela do autocarro e ele retribuía o aceno, mas o autocarro estava em movimento. Fora ao final da tarde. O homem perguntou-lhe se ele gostaria de mudar de nome e ele disse que sim, gostaria que o tratassem por Caoilte, o nome da floresta.

Foi cerca de um mês depois que aquilo se apoderou dele. Começou a odiar os coelhos e a atenção que mereciam, a excitação que provocavam, os cacarejos como forma de chamamento e os flocos de aveia colocados no chão da cozinha para eles, a sua ceia. Também odiava outras coisas, os filhos, que fingiam que ele era irmão deles quando não o era. Conhecia os hábitos dos coelhos, a hora da noite a que saíam da coelheira e pulavam através dos campos e davam ao dente na erva, a mesma hora em que os corvos crocitavam e depois o cacarejar e a sua entrada em grupo para os afagos e mimos. Saiu para o campo àquela hora da noite e levou flocos de aveia numa caixinha de cartão e espalhou-os em montinhos com a ajuda de um funil. Foram vários os que se lhe atravessaram no caminho, mas estava decidido a matar um em particular. Um piegas. Um fraco. Desferiu-lhe uma pazada no cachaço peludo e ele tombou sobre o flanco como uma luva. Ninguém o viu. Na manhã seguinte o cão apareceu com o animal morto entre os dentes e largou-o nos degraus. Ninguém disse nada.

Só depois de ele ter matado os gatinhos é que houve problemas. Um dos filhos viu-o, estava a observá-lo de detrás do barracão do feno, um mirone. Eram cinco gatinhos ao todo, enovelados no seu sono, de maneira que foi fácil; foi como matar um tapete, se se excluir o guincho que deles saiu e o sangue. O filho correu para casa aos gritos e a mãe saiu e benzeu-se e perguntou-lhe por que diabo tinha ele feito uma coisa tão cruel. Inclinou-se sobre os gatinhos e perguntou-lhe que mal lhe tinham feito. Ele respondeu que não tinha sido ele a fazê-lo, que tinha sido outra pessoa, um rapaz que tinha aparecido ali montado numa mota e que depois fugira.

O pai deu-lhe a notícia na sala de jantar. Estavam presentes o pai e ele e uma enorme jarra de flores artificiais. O pai ergueu uns papéis, os

documentos da adopção, e disse que esta teria de ser adiada. Ele teria de voltar para o Castelo e ficar lá uns tempos porque a sua cabeça não estava nada bem. Ele ajoelhou-se no chão e agarrou-se às calças do homem, mas o homem disse que agora já não estava nas mãos dele, estava nas mãos do Estado e dos assistentes sociais e das pessoas com experiência nesse assuntos.

Seguiram de carro para outro sítio, onde ficaria por determinação e diligência do médico local. Tinha sido sinalizado como um caso especial. Não voltaria para o Castelo. Uma secretária anotou os pormenores e tratou da sua admissão. O homem disse-lhe para dar um aperto de mão à secretária e dizer obrigado e ele obedeceu.

– Há já alguns dias que temos tentado que ele coma, mas ele não... ele está muito debilitado – disse o homem.

– Isso é que não pode ser – disse ela, e ausentou-se para ver o que podia surripiar da cozinha.

Durante a ausência dela, apareceu um médico chefe de serviço de rosto corado e balofo e olhou para eles e o homem estendeu-lhe um envelope lacrado.

– Só um segundo, só um segundo... é possível que tenhamos aqui um problema – disse o médico, desaparecendo em seguida para fazer um telefonema. Quando regressou disse que não podiam aceitar o rapaz, mas que havia um lugar para jovens delinquentes a cerca de trinta quilómetros dali e que ele seria admitido lá.

– Não podem abrir uma excepção? – perguntou-lhe o homem.

– Não posso... ele é menor... alguém se precipitou – repetia ele, assim como uma expressão em latim: *inter alia, inter alia*.

– Nesse caso, o que é que fazemos? – disse a esposa do homem em tom de súplica.

– St. Sebastian... é esse o lugar destinado a jovens delinquentes e não fica longe daqui. O único inconveniente é que o pai dele terá de ir ao vosso encontro para assinar a ficha de admissão.

– O pai dele não o fará – disse o homem.

– Eu telefono-lhe e certifico-me de que o faça. Ele irá ao vosso encontro... eu explico-lhe exactamente onde fica.

Ausentou-se para telefonar ao pai dele e quando voltou disse-lhes para conduzirem devagar e com cuidado e para estarem atentos a uma

enorme placa branca que dizia St. Sebastian, três quilômetros antes da entrada na vila.

Seguiram de carro, o homem, a mulher e ele próprio, praticamente em silêncio, e quando as luzes da vila tremularam, o homem começou a pedir indicações. Uma pessoa disse: «Sempre a direito.» E a pessoa seguinte disse: «Já passou pelo sítio.» O homem teve de sair do carro para fazer um telefonema. A mulher perguntou-lhe se ele tinha frio e ele disse que não. Depois perguntou-lhe se lamentava as coisas erradas que tinha feito e ele disse que sim. Sim.

Foi visto por duas enfermeiras. Uma mediu-lhe o pulso e a outra encostou-lhe um estetoscópio ao coração porque ele estava a tremer e a contorcer-se. Depois uma delas perguntou-lhe por que razão havia matado os gatinhos. Ele respondeu: «Não me lembro.» A outra perguntou-lhe por que razão havia fugido do Castelo. Ele disse que odiava o Castelo. A enfermeira disse que o ódio não era um bom sentimento, especialmente num rapaz em crescimento.

O pai dele ainda não tinha chegado, de maneira que se sentaram no átrio e esperaram e esperaram, mas ele não veio. Foram feitos mais dois telefonemas, e depois uma enfermeira e um médico apareceram no átrio com uma folha de papel que era um relatório sobre ele. O homem e a mulher falavam com eles e o rapaz estava perto deles, junto de uma enorme planta verde, e conseguia ouvir o que eles diziam. O médico estava a dizer à mulher que não era aconselhável ele estar perto de outras crianças.

– Mas porquê... porque não? – insistia ela em perguntar.

O médico tornou a pegar no relatório e mostrou-o ao marido e o marido disse «Meus Deus» e disse que preferia não o mostrar à mulher. O médico insistiu. Segurou a folha para que a mulher a visse e quando ela a viu soltou um grito e disse em alto e bom som o que nela estava escrito:

– Este rapaz é um potencial homicida.

O homem e a sua mulher abanaram a cabeça olhando um para o outro e depois o homem aproximou-se dele e disse que não havia lugar no albergue e que o levariam de volta para o Castelo.

– Não me levem de volta para lá, não me mandem de volta para lá. – Pôs-se de joelhos e gritou dirigindo-se aos desconhecidos que estavam sentados nas cadeiras. Era domingo, o dia das visitas. Uma mulher

aproximou-se dele com um biscoito e ele recusou-o e gritou bem alto, cada vez mais alto: — Não me levem de volta para lá... Se voltar para lá, acabo comigo.

Disse-o de si para consigo enquanto o carro cruzava a noite debaixo de chuva. Pensou que se o dissesse vezes suficientes a sua prece seria ouvida, mas não foi. Percorreram estradas rurais sombrias onde praticamente não circulavam carros e onde aqui e ali se distinguia uma raposa morta ou um gato morto, o seu corpo estendido, o seu pêlo e as suas entranhas espalhados, inspirando um certo dó, como se aquele gato ou aquela raposa necessitassem desesperadamente de dizer alguma coisa.

Baseado num caso real que chocou a Irlanda nos anos 90, *Na Floresta* conta-nos a história do regresso de Mich O'Kane, o *Kinderschreck*, a casa. Órfão violento e perturbado, tratado desde criança por todos como um bicho-papão, ninguém na pequena comunidade onde cresceu consegue lidar com ele. Até que uma jovem mãe e o seu filho de quatro anos desaparecem na floresta.

Descrito pela crítica como um dos romances mais ambiciosos e expressivos de Edna O'Brien, *Na Floresta* arrasta o leitor para o interior da mente psicótica de um assassino, compondo um retrato chocante e compassivo da solidão, do desespero e da violência.

«Edna O'Brien é uma escritora magnífica.»

The Washington Post

«Um livro ambicioso e importante que trata temas difíceis de forma directa e corajosa.»

The Observer

